

C-Bond chega a seu maior valor em dez anos

Principal título da dívida externa do Brasil atinge cotação recorde de 100,22% e derruba risco-país para 410 pontos

Patricia Eloy e Enio Vieira

• RIO e BRASÍLIA. O título mais negociado da dívida externa brasileira, o C-Bond, atingiu ontem 100,22% do valor de face (alta de 0,68%), patamar inédito desde o lançamento do papel, em 1994, quando valia 48%, ou seja, US\$ 0,48. Há cerca de um ano e meio, no auge da crise político-cambial, falava-se em moratória, e o mesmo título chegou a ser negociado a 56,5% do valor de face.

A virada é fundamentada pelos melhores números macroeconômicos, caracterizados por estabilidade do dólar, inflação cadente e juros menores, num cenário que faz crescer a confiança dos investidores internacionais numa expansão econômica em 2004.

Essa confiança renovada criará condições para que o

país enfrente com mais facilidade os choques externos, avalia a consultoria americana Economist Intelligence Unit em um dos seus últimos relatórios sobre o Brasil. Apesar do patamar recorde, Clive Botelho, diretor financeiro do Banco Santos, não acredita que haja um valor máximo para o C-Bond. Como outros títulos internacionais, ele pode continuar sendo negociado com ágio.

Mesmo acima dos 100%, investimento compensa

Mesmo acima dos 100% do valor de face, o C-Bond ainda é um papel rentável aos investidores, pagando hoje juros em torno de 8% ao ano. Aos 105%, por exemplo, o título renderia 6,8%, bem mais do que os títulos do Tesouro dos EUA, que oferecem remuneração de 4%. Quando o papel era negociado

com deságio, ou seja, abaixo do seu valor nominal, o investidor ganhava de duas formas: com a compra e venda e com os juros anuais pagos pelo governo.

O novo patamar atingido pelo C-Bond fez o risco-Brasil recuar ontem 2,38%, para 410 pontos centesimais, o menor nível desde 24 de outubro de 1997, quando marcava 405 pontos. O risco mais baixo significa uma melhor avaliação da economia brasileira, o que deve atrair novos investidores. A valorização do C-Bond também abre espaço para novas emissões de empresas brasileiras no exterior, o que injeta dólares no mercado, mantém a estabilidade da moeda e permite novas reduções nos juros.

— E os juros mais baixos significam retomada de empregos e geração de renda — explica Marcos Carneiro, gerente

de renda fixa da Mercatto.

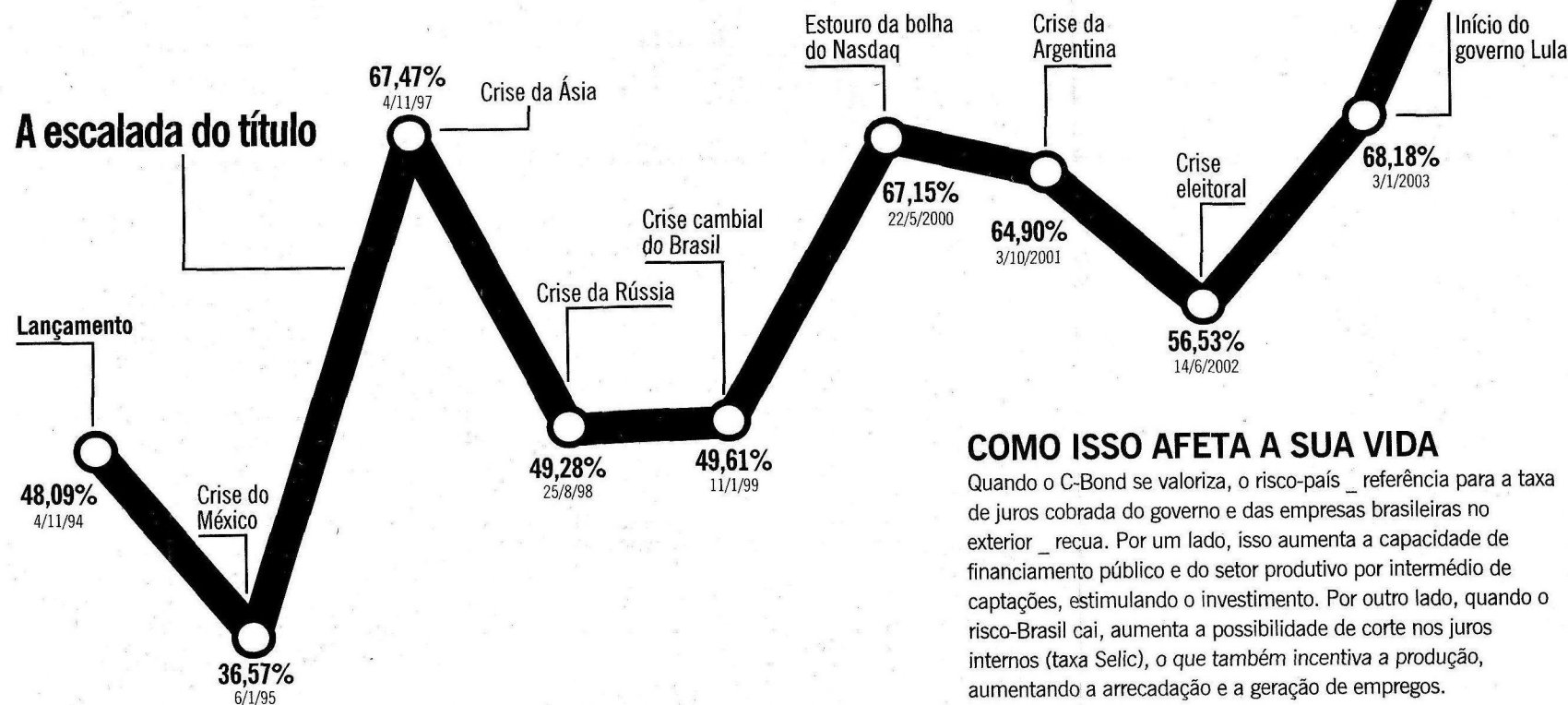
O C-Bond foi lançado em 1994 e faz parte do programa de reestruturação da dívida externa brasileira. Caso esteja valendo 100% do valor de face no dia 15 de abril, poderá ser integralmente resgatado pelo governo. Na data, vence uma das opções de recompra do papel — a seguinte será em 15 de outubro. O desembolso custaria aos cofres públicos US\$ 6,5 bilhões, o equivalente a todos os títulos em circulação no mercado. Para isso, seria necessário fazer um comunicado aos investidores com pelo menos 60 dias de antecedência.

Como a quantia é muito elevada, especula-se que o governo poderia fazer caixa por meio da emissão de novos títulos e, então, resgatar o C-Bond. A operação, porém, só seria vantajosa se represen-

tasse um alongamento da dívida, o que melhoraria o seu perfil. É nisso que se aposta atualmente no mercado.

O Tesouro Nacional ficará, a partir de 2005, responsável pela administração da dívida externa do setor público, incluindo o lançamentos de bônus no mercado internacional. A de-

cisão foi publicada ontem no Diário Oficial da União (DOU) e terminou com uma polêmica entre Tesouro e Banco Central que durava três anos. Este ano, o BC ainda continua sendo o emissor de captações externas. O governo pretende obter US\$ 5 bilhões em 2004 no mercado internacional. ■



COMO ISSO AFETA A SUA VIDA

Quando o C-Bond se valoriza, o risco-país — referência para a taxa de juros cobrada do governo e das empresas brasileiras no exterior — recua. Por um lado, isso aumenta a capacidade de financiamento público e do setor produtivo por intermédio de captações, estimulando o investimento. Por outro lado, quando o risco-Brasil cai, aumenta a possibilidade de corte nos juros internos (taxa Selic), o que também incentiva a produção, aumentando a arrecadação e a geração de empregos.

O QUE É

Principal título da dívida externa brasileira, o C-Bond é também o papel mais líquido entre os bônus de mercados emergentes. Ao todo, são US\$ 6,5 bilhões no mercado (9,7% da dívida externa brasileira em títulos), com rendimento de 8,10% ao ano. O C-Bond foi emitido em novembro de 1994, como forma de o país tomar empréstimos no exterior. Na época, o Brasil não tinha acesso a crédito externo desde a moratória de 1987. A solução foi transformar empréstimos não pagos em títulos como o C-Bond, os chamados *bradies*, que passaram a ser negociados no mercado como as ações em bolsas de valores. Ou seja, quem era credor do Brasil ficou com um papel preservando o valor da dívida e recebendo juros, e ainda passou a ganhar com a compra e venda do título. Quando foi emitido, o C-Bond foi comprado por investidores a 48,09% de seu valor de face, ou seja, por 48% do valor nominal expresso no título. Quem comprou ontem pagou 0,22% acima do valor nominal do papel.